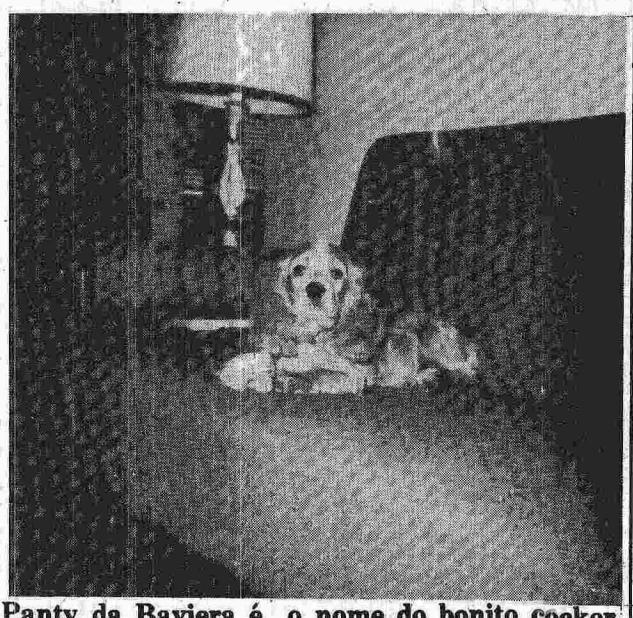




Esta cadela setter irlandês, extremamente fotogênica, chama-se Liking e pertence ao sr. Arnaldo de Moraes, da revista Manchete. É filha de campeões e parece que vai seguir a mesma trilha dos pais



Panty da Baviera é o nome do bonito cocker spaniel americano que aparece na foto. Pertence ao Sr. Luiz Mendes

PACTO DE UNIÃO — Como é do conhecimento da quase totalidade dos cinófilos, há até bem pouco tempo a criação brasileira vivia cindida por lutas entre as diversas entidades existentes, que pugnavam pela exclusividade na emissão de registros genealógicos. Foi, então, que o CORREIO BRAZILIENSE lançou a idéia da fusão dos principais clubes cinófilos do país, logo encampada pelo Senador Benjamin Farah que, através de um projeto de lei, propôs a criação de uma confederação cinológica brasileira, a fim de acabar com o tumulto reinante no setor. A idéia e o projeto foram alvos de acerbas críticas, sem que seus opositores apresentassem qualquer solução para o grave problema. Realmente, criticar deve ser mais fácil do que apontar soluções! O homem, acostumado a poluir o ambiente em que vive, a pretexto de fazer o progresso, parece que sente muito maior prazer em destruir do que em construir. Felizmente, para todos nós, prevaleceu o bom-senso de alguns dos principais dirigentes da cinofilia nacional, que deliberaram por término a tanta divergência e chegaram a um denominador comum, visando à tão ansiosa pacificação, não obstante uns poucos estarem trabalhando ativamente contra ela. No dia 25 de janeiro do corrente ano, finalmente, foi assinado o esperado pacto de união. Para esclarecimento dos criadores brasilienses, entendemos oportuno reproduzir algumas das resoluções tomadas naquela oportunidade, que são as seguintes:

a) O Brasil Kenel Clube aceitou, sem qualquer restrição, todos os juízes do quadro oficial da Federação Cinológica Brasileira, que passaram a integrar também o quadro de juízes da FCI;

b) Foram reconhecidos pelo BKC os canis registrados e os pedigree's, títulos a CAC's em emitidos pela FCB, bem assim respeitados todos os acordos internacionais firmados por aquela entidade;

c) As exposições passaram a ser julgadas segundo os critérios dos Regulamentos de Exposições do BKC e da FCI;

d) Todas as entidades filiadas a FCB tiveram sua imediata homologação pelo BKC e direito a assento, voz e voto no seu Conselho Federal;

e) A partir daqui, todos os pedigree's emitidos obedecerão ao modelo do BKC, não havendo necessidade, contudo, dos possuidores de registros emitidos pela FCB providenciarem a sua substituição;

f) Foram anuladas todas as sanções de ordem administrativa ou técnica, impostas por qualquer entidade associada, a juiz, expositor ou criador;

TROFÉU — A revista MANCHETE doou, para ser atribuído ao animal mais simpático da exposição que o KCB promoverá em homenagem a mais um aniversário de nossa cidade, um belíssimo troféu, que é a reprodução da cabeça da cadela dálmatina "manchetinha", de propriedade do Sr. Adolfo Bloch.

PINTA DE CAMPEA — Arnaldo de Moraes, da Revista Manchete, adquiriu uma belíssima cadela setter irlandês que, segundo os entendidos, é dona de excelente estrutura e de muitos outros atributos que, certamente, a credenciarão, se receber treinamento e tratamento adequados, a uma fulgurante carreira em exposições, como vem acontecendo em relação aos seus pais.

BOLSA DE FILHOTES:

1. SETTER — dois filhotes machos, de Balkis de Chantillon e Tull'amore Winchester, ambos campeões. Tratar pelo telefone: 43:3217.

2. PASTOR ALEMÃO — O CANIL CRUZEIRO DO SUL, um dos mais antigos do Brasil, localizado no Rio de Janeiro e pertencente a um dos mais renomados juizes de estrutura de cães, dispõe de excelentes ninhadas dos seguintes padreadores (todos importados da Alemanha): JANKO V. DRESCHHALLE (neto de Gunda Preussendorf, segundo colocado no Siegershau); NICK VON CELLERLAND (última ninhada deste notável animal, recentemente falecido, e que era irmão de MARKO VON CELLERLAND, Sieger da Alemanha) e ULLAN V. WILDFERDBRUCH (ainda por nascer - trata-se de um neto de Marko). Os interessados devem se comunicar com Dr. Rolando pelo tel: 28:74608, no Rio de Janeiro.

3. Afghan-Hound - belíssimos filhotes. tel: 42:5699

CONSELHO — Acostume o seu animal, desde a mais tenra idade, ao uso de coleira, não só para já ir habituando-o para as exposições, senão para evitar que ele morda alguém, seja atropelado ou coma imundícies e veneno.

BRASÍLIA - 15 anos de vida literária

O que ela é, atualmente, em termos literários se contém nos depoimentos que, colhemos de alguns escritores de atuação na Capital da República. Ao lado de muitos outros. Eles que fazem a literatura neste Planalto Central. São os criadores da vida literária de Brasília. Aqui estão Alan Viggiano, ficcionista e Presidente da Associação Profissional de Escritores do Distrito Federal; A. Fonseca Pimentel, membro da Academia Brasiliense de Letras e ensaísta; José Augusto Guerra, crítico literário e professor de Jornalismo da UnB; Domingos Carvalho da Silva, poeta, ensaista e uma das expressões literárias da Capital da República; e Anderson Braga Horta, jovem poeta tantas vezes laureado. Em termos de literatura, eles dizem o que Brasília representa para o país em seus 15 anos.

Em seus 15 anos de existência, Brasília é, também ainda, em termos de literatura, uma cidade adolescente, não obstante a atividade literária que aqui se desenvolve e que, aparentemente, pouco deixa a desejar em relação aos grandes e tradicionais centros de cultura do país, guardadas, é lógico, as devidas proporções.

Mercê do trabalho contínuo, do esforço e teimosia de alguns homens de letras que aqui residem, a cidade caminha no sentido de uma afirmação no cenário da literatura nacional. No curso dos seus poucos anos de cidade, ela vem experimentando, cada dia que passa, novos estímulos com o objetivo de vir a converter-se, em futuro não muito distante, num dos núcleos de cultura literária de maior importância do país.

Anderson Braga Horta

Se poesia é criação, autodescuberto, comunicação entre os homens, Brasília nasceu sob o signo da poesia. Inaugurada em 1960, surge num momento de transição para o Brasil, e constitui-se ela mesma num dos mais significativos marcos entre duas eras. Vivise em plena fervescência, com a abertura de novas estradas, o incremento do processo industrial e um começo de expansão e modernização das telecomunicações. Tudo, ou quase tudo, girando em torno da emergente Cidade, que, fruto de um pensamento nacional já bastante amadurecido, era ao mesmo tempo um poderoso agente catalisador urgindo o progresso.

Constituindo, por si, uma revolução político-administrativa, envolvendo extraordinárias realizações urbanístico-arquitetônicas, a nova Capital do Brasil colheu, em sua construção, o contributo de todos os setores da vida nacional, e chamou a atenção do mundo. E, sobre a acirrada oposição que provocou, sobre os contrapassos posteriores, teve ela esta significação inestimável para o brasileiro: foi-lhe índice e alimento de uma onda de otimismo e autoconfiança como jamais conhecerá. Mas o sentido mais profundo de sua revolução progrediu, creio eu, numa seta que, disparada, ainda não atingiu o alvo: nova marcha para Oeste, volta de olhos para dentro. Brasília propicia e reclama um mais íntimo estar com os povos irmãos da América Latina, a fim de que estes construam, juntos, a grande fraternidade do futuro, no lugar de uma colcha de retalhos.

No decénio que找到了 com a inauguração da Cidade, a literatura brasileira fora agitada pela Poesia Concreta. A agitação continuaria, progressivamente atenuada, com a Poesia Práxis e, mais recentemente, o Poema-Processo. Brasília recolheu os ecos dessas espécies de seitas poéticas, mas aqui não vingou nenhum grupo. Não cabe agora indagar por quê: cabe augurar que a não predominância de um sistema beneficiará os que virão, com deixar-lhes a voz livre para o canto dos tempos nascentes.

Cantada por Guilherme de Almeida, Vítorino de Moraes, Cassiano Ricardo - o mesmo grande ensaísta de Marcha Para Oeste - e tantos outros poetas, alguns radicados nela, deve, quanto a estes, a Joaquin de Oliveira o trabalho pioneiro de têlos reunidos, em duas coletâneas: Poetas de Brasília (1962) e Antologia dos Poetas de Brasília (1965). São quarenta autores, dentre os quais: Linda do Peloso, Maria Braga Horta, Anderson de Araújo Horta, Ariel Marques, Ezio Pires, Gaudêncio de Carvalho, Hermenegildo Bastos, Izidoro Soler Guelman, José Godoy Garcia, José Helder de Sousa, Júlio César (cujos Poemas acabam de ser editados), Lenine Flúza, Mário Limeira Alves, Oswaldo Marques. Assimilaram-se alguns poetas de alto valor, ausentes de Brasília: Abgar Renault, Afonso Félix de Sousa, Afonso Henriques Neto, Alphonsus de Guimaraens Filho, Eudoro Augusto, Santiago Naud.

Pedro Luiz Masu puxa a fila dos mortos. Mas os vivos continuam o Canto. E são professores universitários, como Cassiano Nunes; diplomatas, como Alberto da Costa e Silva; funcionários públicos, como H. Dobal; jornalistas, como Heitor Humberto de Andrade; homens trazidos ao Planalto pela vida parlamentar, como Aureo Melo e J.G. de Araújo Jorge. E são Jair Gramacho (Sonetos de Edénia e de Bizâncio); Jesus Barros Boquady (Romanceiro Goiano); Domingos Carvalho da Silva, criador do Clube de Poesia de Brasília; Waldemar Lopes, finíssimo sonetista (que já foi poeta bissexto...); Fernando Mendes Vianna, poeta de A Chave e a Pedra, Proclamação do Barro, O Silfo-Hipogrifo (Prêmio do Instituto Nacional do Livro..)

Alguns vêm trazer-nos a voz de povos irmãos: um Rubén Vela (Argentina), um Manini Rios (Uruguai). E há o caso singular de Rumen Stoyanov, que veio da Bulgária para revelar-se poeta (ex-celente) em nossa terra, e em nossa língua.

A Cidade não tem ainda, é certo, uma poesia sua: a primeira geração brasiliense espera o tempo de amadurecer a voz. Enquanto isto, dezenas de poetas de várias procedências aqui continuam soprando e nesse círculo lançando sua inumerável contribuição para o pleno florir desta rosa-dos-homens.

José Augusto Guerra

Brasília cresceu muita, é hoje uma cidade com os problemas das grandes cidades. Aqui residem altas personalidades da República, representantes do corpo diplomático, professores, jornalistas, escritores, profissionais liberais qualificados, homens de imprensa. Fundaram-se novos jornais, instalaram-se sucursais de agências de notícias e de revistas, criaram-se universidades com os seus erudiços cursos de Letras e de Comunicação. Mas, sejamos francos: não pode haver vida literária, onde escasseiam ou desaparecem os veículos que divulgam a literatura.

Não fosse a Fundação Cultural de Brasília, com os seus concursos e seus encontros anuais de escritores, que por uma semana formam rumorosas a paisagem da Capital da República, não teríamos condições de falar na existência de vida literária. Certo, há um grupo de românticos e teimosos que se reúnem em torno da Associação Nacional de Escritores; existe a Academia Brasiliense de Letras, congregando o que há de melhor nesta Brasília que a todos pertences; também com personalidade literária atua o Clube de Poesia; nas aulas de teoria e prática da Literatura, nas Universidades, discute-se e muito o processo criador.

Mas, o principal nos falta: onde publicar. E porque não há onde publicar o poema-conto, o capítulo de romance, o artigo de crítica, caí-si, sensível ou insensível, na esterilidade. A maneira de paródia, vale a pena perguntar: de que vale o homem ganhar essa massa enorme de informações diárias, nos três jornais da cidade, se não encontra, ao menos uma vez por semana, algum fruto da criação literária? Também definhava e se perde a alma por falta de literatura.

Sem receio de cair no saudosismo, afirmo: já houve em Brasília tempos melhores. Tivemos nossos suplementos literários - o "Caderno Cultural", do "Correio Brasiliense", e "Enfoque", do "Diário de Brasília" - onde, bem ou mal, divulgava-se a prata da casa. Pode-se lembrar que hoje temos a Revista "Cultura," editada pelo MEC. Mas, porque trimestral, não tem condições de absorver a produção literária de Brasília, que hoje se acumula nas gavetas ou nem chega a transformar-se em prosa e verso.

A paisagem não é tão risonha, nem franca. Claro que há reuniões, lançamentos de livros, entre salgadinhos e coquetéis. Mas é com bons sentimentos, nem recepções cordiais ou amenos coquetéis, que se faz literatura.

Domingos Carvalho da Silva

Entre as obras literárias a que a nova capital já serviu de tema destacam-se, como mais expressivas, o romance Brasília, Paralelo 16, de José Geraldo Vieira e o poema Vou-me embora p'ra Brasília, de Cassiano Ricardo. Nem o romancista habita esta cidade, nem o saudoso poeta aqui morou. E isto, pode parecer accidental, é o testemunho de que ainda não existe propriamente uma literatura de Brasília elaborada por autores brasilienses e publicada por editoras locais. Felizmente também é verdade que não têm faltado aqui escritores e críticos de letras empenhados na instauração de um ambiente intelectual capaz de propiciar - num futuro próximo a presença de maia literatura de metrópole com base numa vida literária boêmia não - mas atuante e criativa.

Tenho a impressão de que até agora os ensaios (na maioria preponderância sobre os ficcionistas e os poetas. Este fato verifica-se da leitura dos suplementos literários que aqui existiram, como o Caderno Cultural do Correio, Brasiliense e o Enfoque do Diário de Brasília. Nomes de prestígio - como Agostinho da Silva, Eudoro de Souza, Luiz Piva, Fernando Correia Dias, José Augusto Guerra, Cassiano Nunes e João Ferreira - todos professores, representam o clima de atenção pela pesquisa e pelo estudo, que caracteriza a cidade.

Como os ensaiistas e professores, todos vindos de fora com um nome já firmado, os poetas têm tido sua parte na formação de um ambiente literário. A sua presença nos suplementos foi sempre constante e as duas antologias de poema organizadas por Joaquin de Oliveira mostram não ser pequeno o número dos autores de livros de poemas que viveram ou vivem em Brasília. Como poeta quase "tipicamente" brasiliense, poderia ser citado Anderson Braga Horta, que aqui publicou Altiplano e outros Poemas, seu primeiro livro. E como valores de maior destaque na poesia, os nomes de Abgar Renault, Affonso Félix de Souza, Alphonsus de Guimaraens Filho, Cassiano Nunes, Fernando Mendes Vianna, Jair Gramacho, Jesus de Barros Boquady, José Helder de Souza, José Santiago Naud, Lina Del Peso, Maria Braga Horta, Yone Rodrigues, Joaquin de Oliveira, Yolanda Jordão e o grande sonetista Walder Lopes.

Na prosa de ficção é necessário citar, inicialmente, a presença de grandes nomes nacionais como Cyro dos Anjos, Dinah Silveira de Queiroz e Heriberto Salles; não sei porém se algum deles poderá ser considerado escritor de Brasília... Outros ficcionistas importantes, ligados à cidade, são Almeida Fischer, e Luiz Beltrão, devendo ser mencionados ainda, pelo que já publicaram aqui, Alan Viggiano, Elza Caravana, Izidoro Guelman, Sousa Neto e Anderson Braga Horta (como contista). E também os contistas e poetas Edson Guedes de Moraes e Nataniel Dantas.

A literatura dramática local pertence praticamente a Cassiano Nunes. No ensaio e na conferência literária seria uma falha não lembrar, ainda, os nomes de Yula Brandão, Antonio Fonseca Pimentel, Almeida Fischer (autor de dois volumes de crítica), Oswaldo Marques e o próprio Alan Viggiano, autor de um estudo sobre personagens de Guimarães Rosa.

Em resumo, é o que há a dizer.

A. Fonseca Pimentel

Quinze anos após a sua inauguração, Brasília ainda apresenta uma vida literária bastante limitada: nenhuma publicação especializada a respeito (os dois suplementos literários de jornais locais que havia já foram suprimidos), nenhuma editora verdadeiramente digna desse nome com sede aqui e três ou quatro débeis instituições literárias funcionando em condições precárias.

Isto, até certo ponto, é compreensível e justificado. Não se transfere a cultura de uma capital para outra em quinze anos. Talvez mesmo a cultura seja o que há de mais difícil e demorado para se transferir. Por isso, obviamente, o Rio continuará por muito tempo a capital cultural do Brasil.

Por outro lado, há um desprêgio quase universal da literatura, muito bem exposto e analisado por Levin Schuecking em seu livro "Soziologie der literarischen Geschmacksbildung", o qual não pode, evidentemente, deixar de refletir agudamente numa cidade jovem como Brasília. A isso há a acrescentar que a cultura e a literatura não têm sido apoiadas entre nós como era de desejar e sofrer, ademais, como fenômeno nacional, a concorrência avassaladora das novelas e do futebol, os dois polos em torno dos quais gira o lazer da esmagadora maioria de nosso povo. Não é de admirar, pois, que, em recente pesquisa realizada por conhecido órgão de nossa imprensa, verificou-se que apenas três por cento dos vestibulandos brasileiros se interessam por literatura.

Simbolo eloquente desse estado de coisas é a própria Brasília, com dois estádios, dois autódromos, um ginásio de esportes, uma hípica, etc., de um lado, e, de outro, um teatro inacabado, uma cancha acústica abandonada e um espaço cultural semi-paralisado.

Há, é verdade, o Encontro Nacional de Escritores, que de há seis ou sete anos para cá como que transformava Brasília por alguns dias na capital literária do País. Mas, no ano passado, o Encontro não se realizou a este ano, conforme bem observou Domingos Carvalho da Silva, ele foi mais um encontro de "Professores" do que propriamente de escritores, para não falar em outros aspectos negativos e desagradáveis da sua realização.

Evidentemente, em nosso entender, não é animador o panorama literário e cultural de Brasília no 15º aniversário de sua fundação.

Alan Viggiano

Não é só Brasília que faz anos dia 21 de abril. Também a Associação Nacional de Escritores foi fundada no dia em que se celebra o aniversário da fundação da nova capital. Isto se deu no ano de 1963, quando um grupo de escritores, que se reunia na Livraria Dom Bosco para bater papo, resolveu oficializar essas reuniões, criando uma entidade.

São portanto, doze anos de: vaivém, de lutas, de pequenas vitórias. É a velha imperlência da surradíssima história de acender uma vela ao invés de amaldiçoar a escuridão. No caso, acender a vela e também amaldiçoar a escuridão.

Poucos sabem o quanto custa levar adiante uma entidade, principalmente de escritores. Não havendo para impulsioná-la o interesse econômico, tudo é feito com base na boa vontade de uns poucos, que sacrificavam seus horários vagos para promover reuniões, incomodar autoridades com pedidos de auxílio, convocar por telefone os menos entusiastas.

Os doze anos al estão. No princípio, alguns que se juntavam numa livraria para trocar ideias. Depois, uma dependência do abandonado Teatro Nacional cedida pelo prefeito Plínio Cantanhede e lá ficou a ANE hibernando, convivendo com marcegos, respirando o mimo para poder continuar a viver.

Até que um dia, um grupo resolveu que as coisas não podiam continuar assim, e decidiu acabar com o tabu de que escritor não tem espirito de luta nem unidade. Assumindo cada um a responsabilidade de pagar uma mensalidade maior, esse grupo tornou-se uma entidade.

Hoje, a Associação Nacional de Escritores centraliza todos os eventos literários da capital de República. Em seu seio foram gerados o Clube de Poesia, a Academia Brasiliense de Letras e a Associação Profissional. Em sua sede são realizados os mais importantes lançamentos de livros. Tem recebido a visita de escritores de todo o mundo, da Europa e dos Estados Unidos. Mantém intercâmbio intenso e troca de idéias com os amigos culturais das principais entidades em Brasília.

E mais: participa oficialmente e através de seus membros, dos encontros anuais realizados pelo Governo do Distrito Federal. Tem sócios e espalhados por todo o Brasil.

E a ANE existe. Adquiriu amigos, recebeu auxílios anônimos, vai até lugares偏远的 de sócio, benemeritos e prestar homenagens. Para quem tinha idéia de que escritor não se congrega, foi uma agradável surpresa o ent